





CÂNIONS DO SUL

Adoráveis precipícios
Loving cliffs

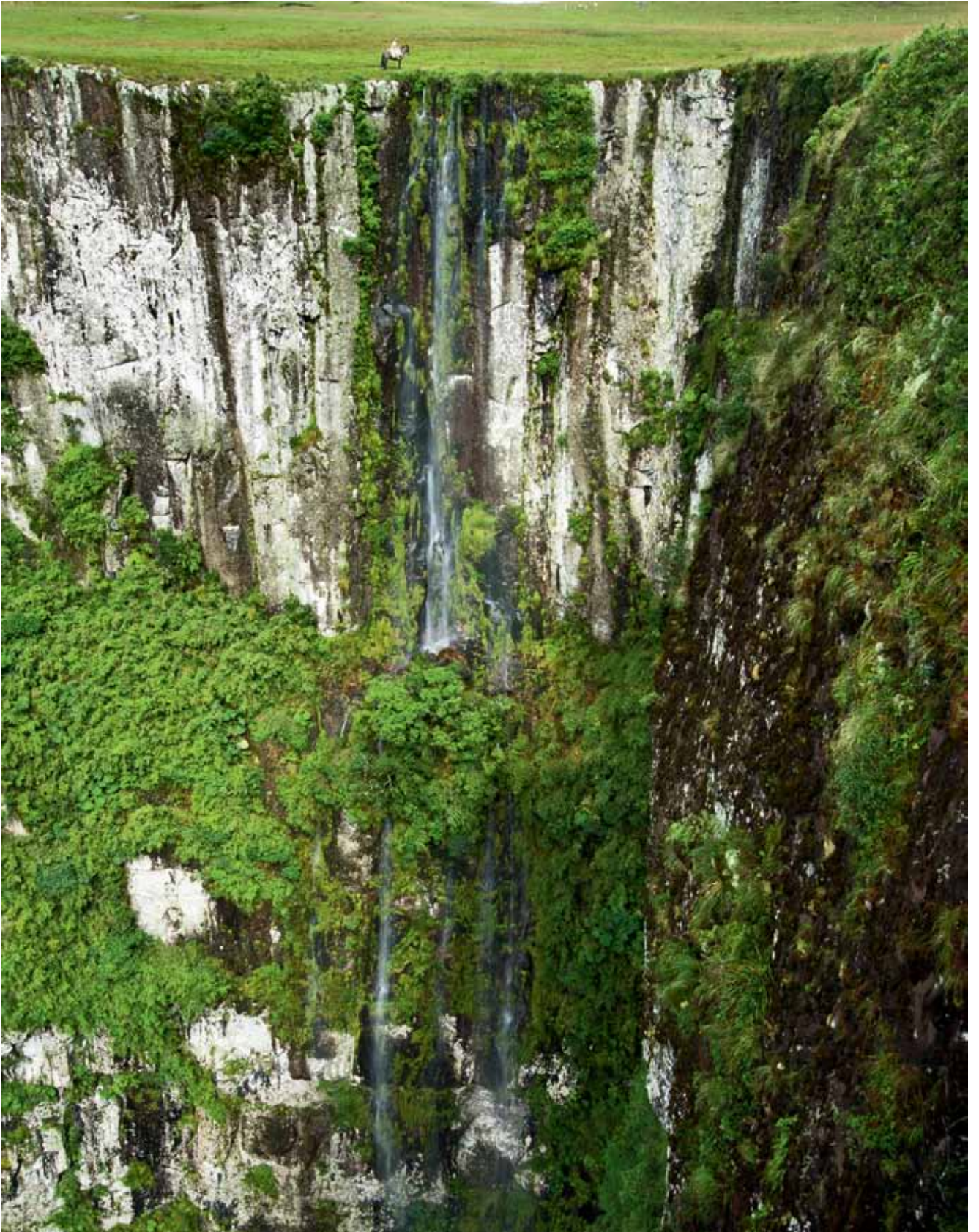


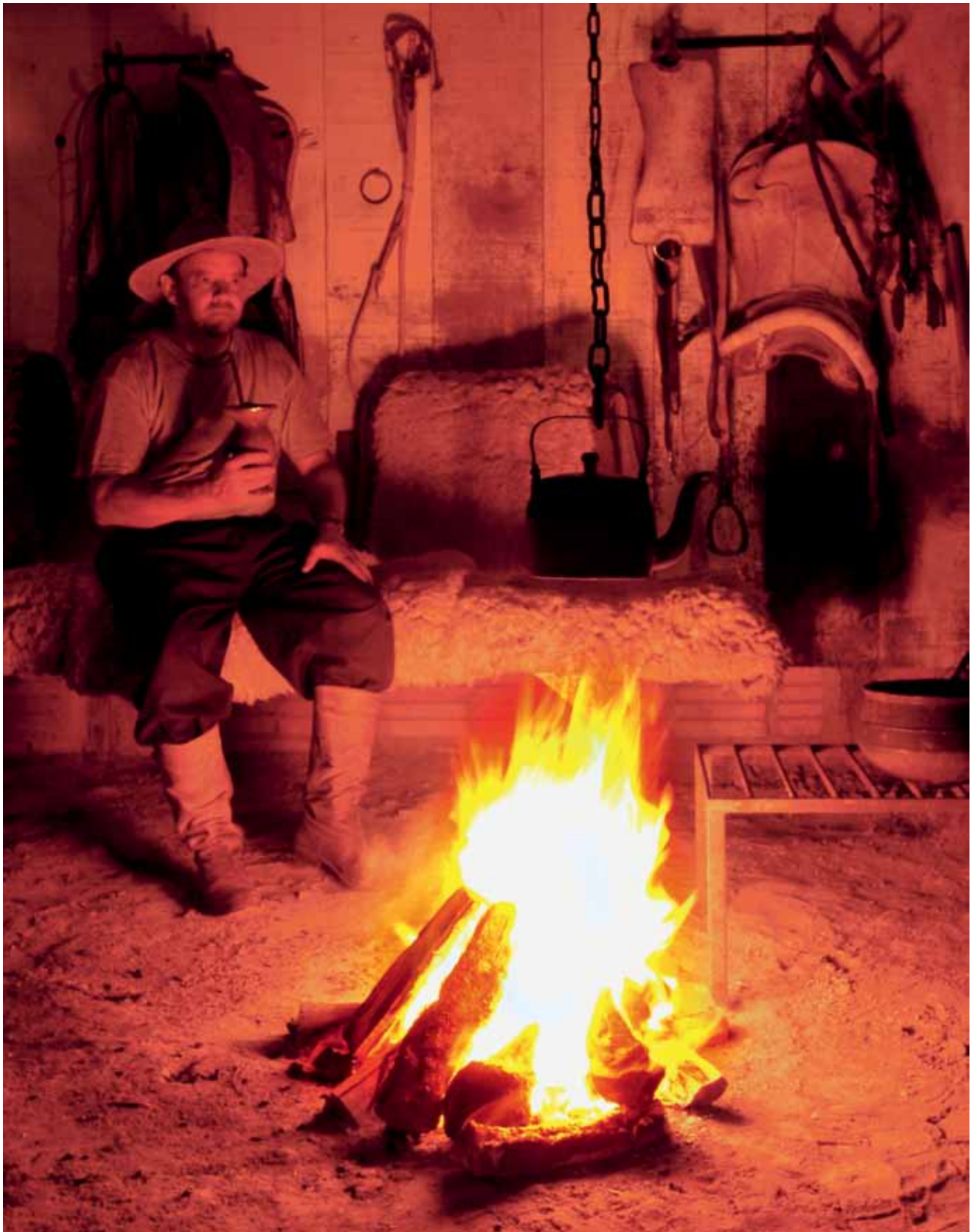
98 Borda de cânion no município de Bom Jardim da Serra, SC | *Edge of the canyon in the town of Bom Jardim da Serra, SC*

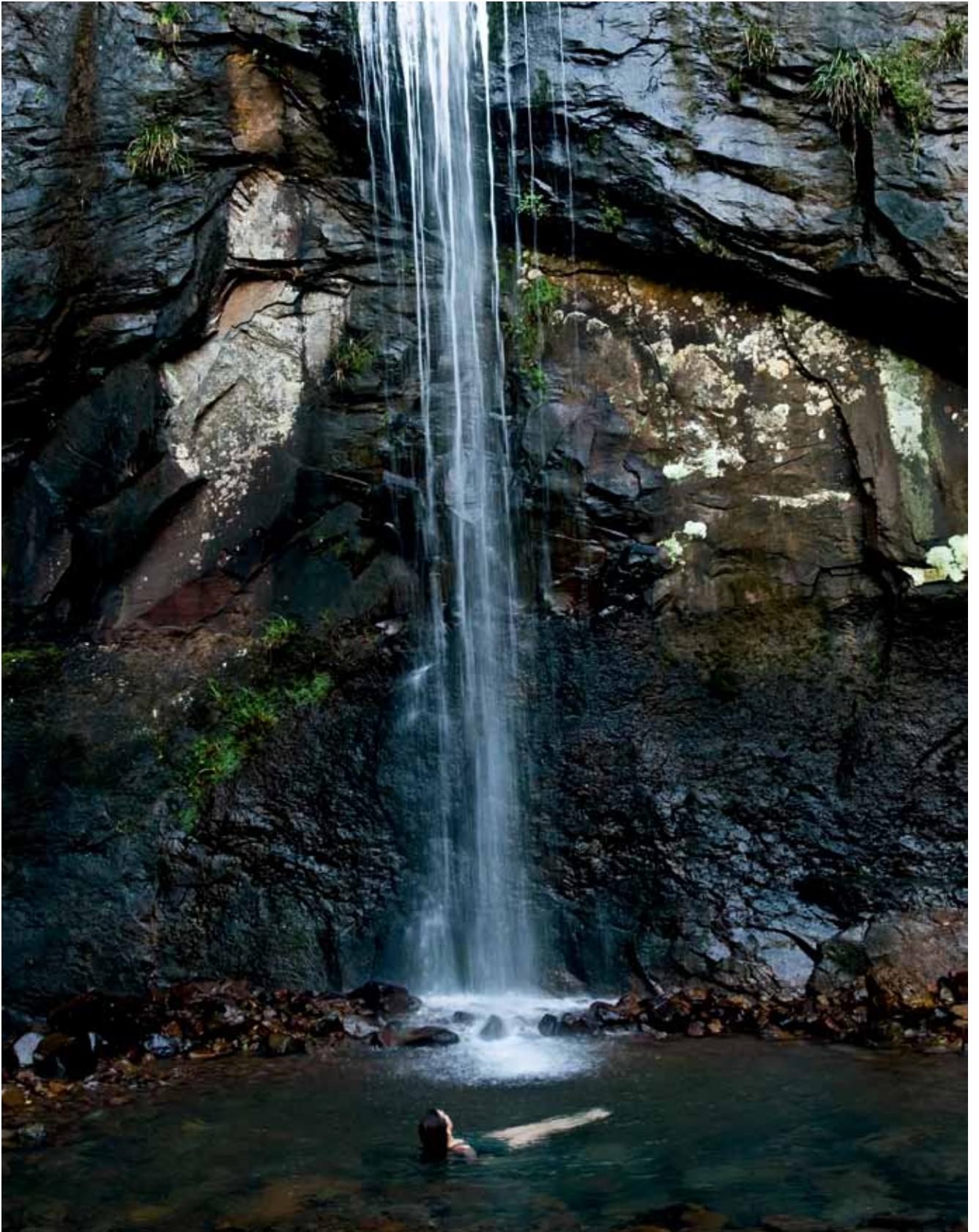




100 Gaúcho tomando chimarrão, RS | *Gaúcho drinking chimarrão, RS*



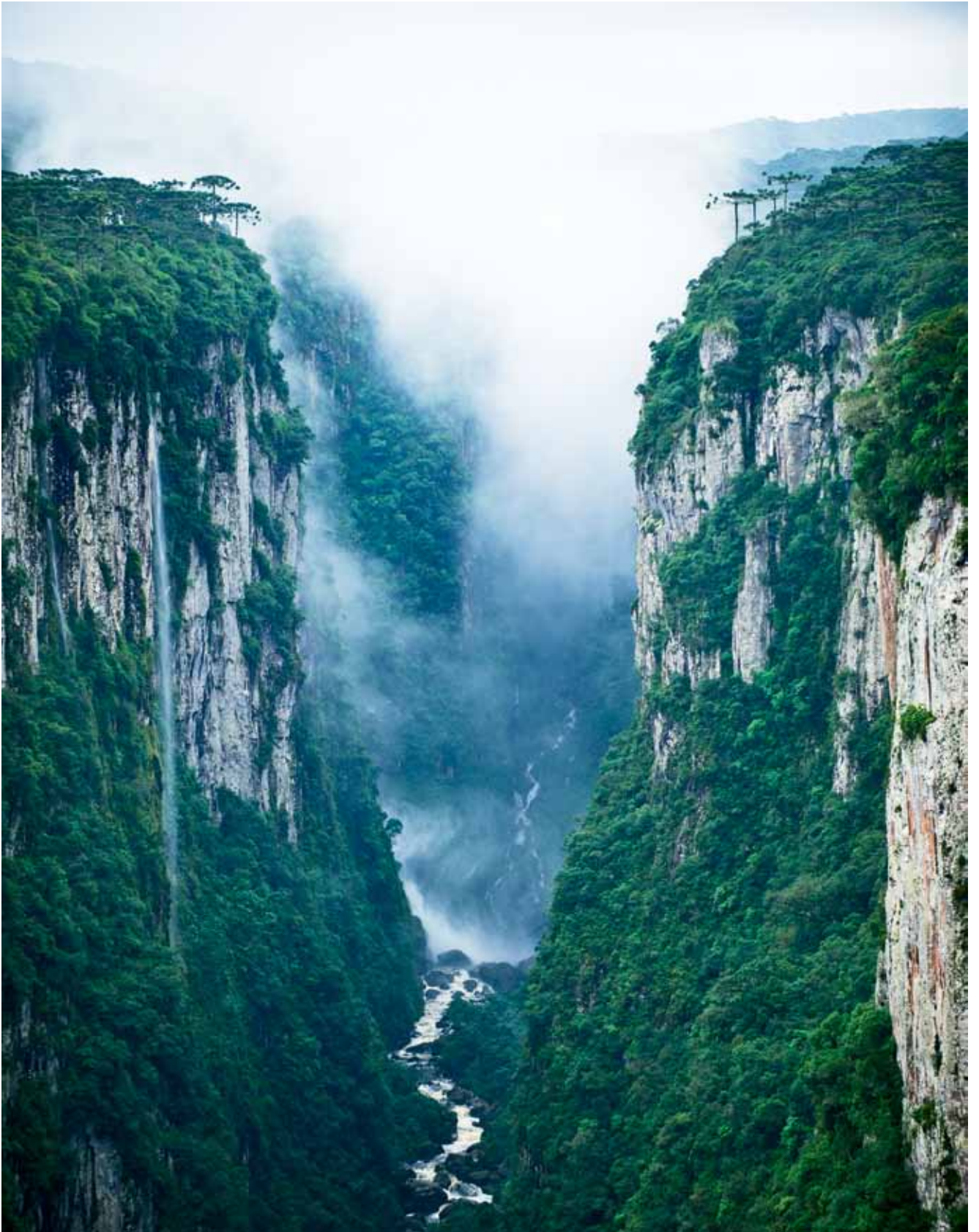






omeçou faz uns 140 milhões de anos, quando a África e a América do Sul resolveram desgarrar-se uma da outra e empreender cada uma sua viagem particular, em direções opostas. Rupturas assim costumam deixar cicatrizes marcantes, e uma das mais significativas, ferida exposta mesmo, é a escarpa oriental da Serra Geral. No momento da separação, a terra rachou como um biscoito e, do lado de cá, uma extensa faixa de penhascos abruptos restou de frente para o Atlântico. Como gêmeos siameses separados desde o nascimento, a cada metade o tempo reservou um destino diverso. Aqui, os milhões de anos que se sucederam encarregaram-se de construir um lugar raro e bonito, onde rios laboriosos, ao buscar o caminho do mar, cavaram vales íngremes e profundos, de paredes tão retas que parecem ter sido aparadas na faca. Os índios que primeiro habitaram este lugar o chamaram de Itaimbé, “pedra afiada” em tupi-guarani. Depois vieram os tropeiros, e para eles foi Aparados da Serra.

It started some 140 million years ago, when Africa and South America decided to break away from each other and take their own particular trips, in opposite directions. Ruptures typically leave striking scars, and one of the most significant, a still open wound, is the eastern escarpment of the Serra Geral. At the moment of separation, the earth crumbled like a cookie and, on this side, an extensive range of sheer cliffs were left overlooking the Atlantic. Like Siamese twins separated at birth, time reserved for each half a unique destiny. Here, the millions of years that followed undertook the construction of a rare and beautiful place where rivers industriously seeking a path to the sea, dug deep and steep chasms, straight walls that seem to have been trimmed by a knife. The Indians who first inhabited this place called it Itaimbé, or “flint stone” in Tupi-Guarani. Then came the ranchers, and for them it was Aparados da Serra.



Cânion do Itaimbezinho (Parque Nacional de Aparados da Serra, RS/SC) | *Itaimbezinho Canyon (Aparados da Serra National Park, RS/SC)* 105



Em rigor, Aparados da Serra é o nome apenas deste trecho da Serra Geral, bem onde Rio Grande do Sul e Santa Catarina fazem divisa, que demarca o início do território dos cânions meridionais. É o mesmo pedaço que, em 1959, foi transformado no Parque Nacional de Aparados da Serra e, em 1992, ganhou uma extensão sob a denominação de Parque Nacional da Serra Geral. Mas essa imensa fratura exposta transcende limites de parques e nomenclaturas e se estende para além de terras gaúchas, compondo uma vasta muralha de 250 quilômetros de extensão em que as gargantas se sucedem uma vizinha à outra, como que competindo em beleza e grandeza. Em solo catarinense, o Parque Nacional de São Joaquim estabelece a fronteira norte deste mundo vertical.

Considere a paisagem dos cânions como um



enorme degrau de basalto que divide este pedaço do Brasil em dois, separados por um desnível de mil metros. No alto do platô, existem os campos de cima de serra, um mar de colinas suaves e pardacentas, denominadas coxilhas, forradas por um extenso capinzal. Parece até que o Pampa subiu a serra. Território ermo, gelado e imóvel, seria decerto triste não fossem os capões de araucárias que brotam nos baixios, fornecendo sombra, comida e abrigo para bichos e homens. Este é o lugar mais frio do país, e todo inverno, nem que seja por umas poucas horas, a neve cobre os campos e faz deste Sul de altitudes e latitudes elevadas um lugar meio metido a estrangeiro. No cume do Morro da Igreja, em Urubici, a 1.822 metros sobre o nível do mar, um recorde nacional foi registrado: 17,8 graus centígrados negativos no inverno de 1996.



Strictly speaking, Aparados da Serra is the only name of this stretch of the Serra Geral, which makes the border between Rio Grande do Sul and Santa Catarina, marking the initial territory of the meridional canyons. It's the same place that, in 1959, was transformed into the Aparados da Serra National Park and, in 1992, gained an extension under the name of the Serra Geral National Park. But this huge fracture transcends park boundaries and classifications, extending beyond the lands of the Gauchos, forming a vast wall stretching 250 kilometers, in which gorges succeed one neighbor after another, as if competing in beauty and grandeur. On Santa Catarina soil, São Joaquim National Park establishes the northern border of this vertical world.

Consider the landscape of the canyons a huge basalt foot step that divides this part of Brazil in



two, separated by a gap of one thousand meters. At the top of the plateau, there are fields covering the ridge, a sea of rolling mousy hills, called moguls or 'coxilhas', lined by extensive grasslands. It almost seems like the prairie climbed the mountain. Wild, cold and motionless country, it would certainly be doleful without the copses of pines which grow in the shallows, providing shade, food and shelter for animals and humans alike. This is the coldest place in the country, and every winter, even if only for a few hours, snow covers the fields and makes this southern point of high altitudes and latitudes a touch foreign. The Morro da Igreja 'Hill of the Church' summit, at 1,822 meters above sea level, is where the national record was recorded: minus 17.8 degrees Celsius in the winter of 1996. Through these fields the rivers run and later spill over the canyon

Por esses campos os rios correm e depois escorrem pelo vértice dos cânions que eles mesmos cavaram nos últimos 20 mil anos. Alguns despencam pelos paredões feito cachoeiras gigantes, só para tornar tudo ainda mais bonito do que já é. Outros fluem rumorosos pelas rochas até encontrar a rota definitiva na direção do mar. Cerca de 60 abismos nasceram nas encostas da Serra Geral graças ao trabalho persistente desses rios. No caso do Cânion do Itaimbezinho, o mais famoso de todos, foi necessário o empenho conjunto de dois arroios, o Perdiz e o Preá, para a criação desse desfiladeiro fenomenal de paredes tão íngremes e tão estreito vão que, quando visto do céu, é como se o chão tivesse sido rasgado a faca.

Foi para proteger esta maravilha da natureza brasileira que se criou o Parque Nacional de Aparados da Serra. Mas como maravilhas semelhantes havia às pencas na região, três décadas depois foi necessário criar um novo parque a nordeste, o da Serra Geral, prolongamento do anterior grande o suficiente para preservar outra meia dúzia de cânions. Entre eles o da Fortaleza, um dos maiores do Brasil, garganta de 7,5 quilômetros de extensão e 900 metros de profundidade sulcada pela ação do Rio da Pedra.

Em seu esforço de construir um lugar do qual gaúchos e catarinenses pudessem se orgulhar, os rios não só esculpiram esses lindos precipícios como os preencheram de verde do vértice à boca. A água, ao varar as gargantas, fez germinar



porções volumosas da mais pura Mata Atlântica, que aqui ganha contornos diversos conforme a altitude e o lugar onde se encontra. Na borda dos cânions, sobre as rochas úmidas continuamente visitadas pela viração, brota a chamada matinha nebulosa, onde a vastidão ocre da estepe cede lugar a um bosque de musgos, líquens e árvores nanicas. Pelos paredões, crescem agarrados à rocha arbustos, ervas e plantas esquisitas como a gúnera, ou urtigão-da-serra, espécie rara de folhas com até 2 metros de diâmetro. Parecidas a essa, na América do Sul, só na Cordilheira dos Andes.

No fundo dos vales e no sopé da serra, já quase encostada na planície que se abre para o litoral, a Mata Atlântica assume sua forma mais



vertices that they themselves carved over the last 20 thousand years. Some plummet down the walls forming giant waterfalls, only transforming it all into something even more beautiful than it already is. Others raucously cascade through the rocks until finding their definitive route towards the sea. Around 60 chasms were born along the slopes of the Serra Geral thanks to the persistent work of these rivers. In the case of Itaimbezinho Canyon, the most famous of all, it took the joint efforts of two streams, the Perdiz and the Preá, to create such phenomenal canyon walls so steep and so narrow that, when viewed from the sky, it is as if the earth had been cleaved by a knife.

It was in order to protect this Brazilian

wonder of nature that the National Park of Aparados da Serra was created. But as so many similar wonders are bunched together in the region, three decades later it was necessary to create a new park in the northeast, the Serra Geral, expanding the previous borders enough to preserve a half dozen more canyons. Among them Fortaleza, one of Brazil's biggest, a gorge 7.5 kilometers long and 900 feet deep furrowed by the current of the Rio da Pedra 'Rock River.'

In their efforts to build a place from which the residents of Santa Catarina and Rio Grande do Sul could draw pride from, rivers not only sculpted these beautiful precipices but also filled the mouths of their apexes with green. The water, overflowing from the gorges, brought forth massive portions of pure Atlantic Forest, which here takes various shapes depending on altitude and location. At the canyon edges, on wet rocks continually visited by the breeze, sprouts what is called "matinha nebula", where the vastness of the ocher velds gives way to a grove of moss, lichen and dwarf trees. As for the walls, clinging to the rocks grow shrubs, herbs and plants like the strange gúnera or urtigão-da-serra, rare species with leaves up to 2 meters in diameter. In South America, anything similar to these can only be found in the Andes.

At the bottom of the valleys and the foothills of the mountain, almost leaning on the plain that opens to the coast, the Atlantic Forest takes its most exuberant form, littering the landscape with cedars, jatobas, jequitibás, cabbage palms,

exuberante, enchendo a paisagem de cedros, jatobás, jequitibás, palmiteiros, perobas, bromélias e orquídeas – lar e refúgio de bichos como bugios, lontras, jaguatiricas e graxains. Mil metros abaixo do platô, o frio e a solidão dos campos parece terra estrangeira. Aqui, perto do nível do mar, os rios fluem fartos e os cânions, com as bocas escancaradas na direção da costa, recebem diariamente o sopro quente e úmido do Atlântico.

Essa mesma massa de ar, à medida que penetra os abismos, esfria, condensa-se e, no sentido inverso ao dos rios, ascende pelas encostas transformada num sinistro nevoeiro que engole os campos e tudo que estiver sobre eles. Às vezes é tão denso que o camarada caminha por horas sem enxergar um palmo de distância à frente. Essa cerração os moradores da região dos Aparados chamam, apropriadamente, de “nada”. E torna os campos de cima da serra um lugar ainda mais estranho e solitário. Não espanta que os homens tenham demorado tanto para tomar posse definitiva deste lugar.

Por muito tempo, mesmo alguns séculos após a descoberta do Brasil, o alto da Serra Geral foi território quase que exclusivo de povos nômades como os caingangues e os xoclungues, cuja sobrevivência dependia basicamente da caça e da coleta do pinhão. O homem branco mesmo só começou a dedicar certa atenção a este lugar depois que os missionários jesuítas foram expulsos da colônia no século 18 e seu rebanho de bois, antes concentrado nas missões do oeste gaúcho, largou-se pelos campos, sem dono nem

curral. Dono e curral, contudo, não tardaram a aparecer: a despeito das adversidades do clima neste pedaço do Sul, ainda no mesmo século paulistas dispuseram-se a domar o gado xucro e a transformar os campos em fazendas. Para delimitar as propriedades, levantaram taipas, muros de pedras empilhadas que chegavam a se estender por quilômetros. Alguns desses ainda se encontram no meio das coxilhas.

Na mesma época também chegaram os tropeiros, que cruzavam o planalto levando cavalos e mulas de carga do Pampa para as jazidas de ouro de Minas Gerais. Abriram estradas importantes como o Caminho do Viamão e, desafiando os abismos, inauguraram ramais que, pela primeira vez, conectaram os campos de cima da serra à planície. Até hoje essas vias são usadas, e, em muitos casos, continuam sendo um delirante convite à vertigem. Quem duvida que se meta a percorrer os 12 quilômetros da SC-438 que separam as cidades catarinenses de Bom Jardim da Serra e Lauro Müller. Mais do que uma estrada, trata-se de um prodígio da engenharia: mil metros de desnível vencidos por mais de 200 curvas fechadas, algumas com ângulo de 180 graus.

Na esteira desses caminhos abertos pelo tropeirismo e do crescimento das fazendas, as cidades por fim começaram a surgir no meio dos campos, não muito distantes da borda dos cânions. Cambará do Sul, São José dos Ausentes, Bom Jardim da Serra, Urubici, todas elas nasceram tardias, a partir da segunda metade do

perobas, bromeliads and orchids — home and refuge for animals such as howler monkeys, otters, ocelots and foxes. A thousand feet below the plateau, the chill and the solitude of the fields seem a strange land. Here, near sea level, feed the flowing rivers and canyons, with their mouths wide open toward the coast, receiving regular gusts of hot and humid Atlantic air.

*This same air mass, as it penetrates the depths, cools, condenses, and in the opposite direction of the river, ascends the slopes turning into a sinister fog that swallows up the fields and everything about them. Sometimes it is so dense that you could have a friendly walk without seeing for hours a foot in front of you. The local residents call this haze, *aparados*, appropriately, “nothing.” And it makes the fields atop the mountains even more strange and lonely. No wonder civilization has taken so long to finally occupy this place.*

For a long time, even several centuries after the discovery of Brazil, the top of Serra Geral was almost exclusively the territory of nomadic peoples such as the Kaingang and Xokleng, whose survival depended primarily on the hunting and gathering of pine nuts. The white man only started to devote some attention to this place after the Jesuit missionaries were expelled from the colony in the 18th century, and their herds of cattle, once concentrated in the western gaucho missions, dropped to the fields, no owner or corral. Owner and corral, however, were not slow to appear, despite the adverse climate in this piece of the south, in the same century, Brazilians



*set out to tame the wild cattle and turn the fields into farms. To define the properties, rose ‘*taipas*,’ stacked stone walls which stretched for miles. Some of these still lie amidst the *coxilhas*.*

*At the same time also came the ranchers, who crossed the plains on horseback and with pack mules for the gold mines of Minas Gerais. They established important routes such as the *Viamão Road* and, defying the abyss, created cliff side roads that, for the first time, connected the mountain camps to the plain. Even now these roads are still used, and in many cases, continue to be a deliriant calling forth vertigo. Who could doubt the mission of traveling the 12 kilometers of SC-438 separating the cities of Santa Catarina Bom Jardim da Serra and Lauro Müller? More than a road, it is a marvel of engineering: a thousand meters in elevation with more than 200 hairpin turns, some with angles more acute than 180 degrees.*

*Following these paths opened by the expansion of ranching and the growth of farms, cities finally began to emerge in the middle of the countryside, not far from the edge of the canyon. *Cambará do Sul, São José dos Ausentes, Bom Jardim da Serra, Urubici*, all of them were born*

século 19 ou mesmo já entrado o século 20. São José dos Ausentes, vila de pouco mais de 2 mil habitantes, só virou município mesmo em 1992. Antes disso, aquelas terras passaram quase dois séculos esquecidas na esquina nordeste do Rio Grande do Sul, de tão frias e apartadas. No século 18, abandonadas pelos próprios sesmeiros, chegaram a ser por duas vezes leiloadas “em juízo dos ausentes” – daí o nome.

Não que as outras cidades sejam muito maiores. São todas muito pequenas, na medida do desenvolvimento deste que é um dos pedaços mais isolados do Sul. O modo de vida aqui ainda é essencialmente rural, conduzido no galope do cavalo e aquecido no fogão a lenha. Esqueça aquela imagem de uma Serra Gaúcha ou Catarinense de moças loiras, casas em estilo alpino e dialetos importados do Vêneto ou da Pomerânia. Neste Sul à beira dos cânions, a pele do povo é parda como o capinzal que cresce nas coxilhas, produto de um sangue meio índio, meio português, misturado desde o tempo das primeiras domas do gado xucro e das primeiras vias abertas pelos tropeiros. Inclusive do outro lado do Rio Pelotas, em solo catarinense, os homens vestem poncho, bombachas, guaiaca e lenço. E tomam chimarrão. Parece mesmo que o Pampa subiu a serra. Só para ser engolido pelo nada e depois desabar nos mais lindos precipícios do país.

late in the second half of the 19th century or even as late as the beginning of the 20th century. São José dos Ausentes “Saint Joseph of the Absent”, a village of just over two thousand inhabitants, only became a municipality in 1992. Before that, these lands passed almost two centuries forgotten in the northeast corner of Rio Grande do Sul, cold and detached. In the 18th century, abandoned by their homesteaders, came to be auctioned twice in the “courts of the absent” – hence the name.

Not that the other cities are much larger. All are very tiny, to the extent that this area is one of the most isolated parts of the south. The way of life here is still primarily rural, conducted on the back of a galloping horse and heated by wood stoves. Forget the image of the mountain Gaúcho or Catarinense blond girls, alpine-style houses and Veneation or Baltic imported dialects. In the south at the foot of the canyon, the people’s skin is as brown as the grasses that grow on coxilhas, a byproduct of blood half Indian, half Portuguese, mixing since the time of the first taming of wild cattle and the first routes opened by ranchers. Even across the Pelotas River, on Santa Catarina soil, men wear traditional ponchos, breeches, belts and scarves. And drink chimarrão. It almost seems like the prairie climbed the mountain. Just to be swallowed up by not much and then collapse into the most beautiful cliffs of the country.

